

A ETERNIDADE NÃO TEM LIMITES: Schreber, a escrita e o nome

*Cláudia Aparecida de Oliveira Leite**

RESUMO

Neste artigo consideramos que Freud ocupa um lugar testemunhal ao ler as *Memórias de um doente de nervos*, de Daniel Paul Schreber. Freud, na perspectiva de sua leitura, nomeou Schreber para a Psicanálise decifrando sua escrita. Ressaltamos, dessa forma, a singularidade da escrita de Schreber, seu endereçamento e seus efeitos sobre o nome e o corpo. Demarcamos, ainda, que tornar público um escrito é dar ao nome os mais diversos destinos. Desse modo, destacamos os momentos de crise de Schreber que coincidiam com as vivências em que ele era convocado a fazer uso de seu nome, na intimidade que o nome próprio estabelece com o Nome-do-Pai.

PALAVRAS-CHAVE: Schreber. Psicanálise. Escrita. Psicose. Nome próprio. Nome-do-Pai.

*Graduação em Psicologia pela UFMG (1996), mestrado em Linguística (2004) e doutorado em Linguística (2008) pela UNICAMP. Pesquisadora do Centro de Pesquisa Outarte (IEL/UNICAMP); Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Psicanálise, Subjetividade e Cultura (UFRB). Pós-doutorado em Psicologia Psicanalítica do Sujeito (Laboratoire Clinique Psychopathologique et Interculturelle / Université Toulouse II - Mirail). Membro fundadora do Parlêtre: Psicanálise, Pesquisa e Transmissão (2005 - Divinópolis /MG). Endereço de correspondência da autora: Rua Resplendor, 57 – Bom Pastor – Divinópolis / MG . cep: 35500-168 / email: caoleite@yahoo.com.br

I – Schreber de Freud

Este artigo¹ inicia sua argumentação sustentando a premissa de que Freud operou uma função nomeante para Schreber, uma vez que Freud *nomeia* Schreber *para* a Psicanálise. Freud realizou uma leitura tão instigante do escrito de Schreber que o transformou em um caso clínico, o “caso Schreber”. Dessa forma, destacamos que o alcance da notoriedade tão almejada por Schreber se efetivou graças à elaboração freudiana sobre sua escrita das *Memórias de um doente dos nervos*, publicada em 1903. Lacan (2002 [1955-1956], p.19), por isso, ressalta que esta leitura de Freud foi uma “tirada de gênio” da mesma natureza daquela realizada por Champollion perante os hieróglifos, uma vez que Freud “recoloca de pé” o texto de Schreber, testemunhando a forclusão que o escrito deste último apresenta. Originalidade que Lacan destaca nos seguintes termos:

A novidade do que Freud introduziu quando abordou a paranoia é ainda mais notável que em qualquer outro lugar [...] Vemos aqui Freud proceder logo de saída com uma audácia que tem a característica de um começo absoluto. [...] jamais houve nada de comparável ao modo como ele procede com Schreber. O que ele faz? Pega o livro de um paranoico, cuja leitura ele recomenda platonicamente no momento que escreve sua própria obra – não deixem de lê-lo antes de me lerem –, e dele nos dá uma decifração champollionesca, ele o decifra do modo como se decifram hieróglifos. (Lacan 2002 [1955-1956], p. 18).

A leitura freudiana desse escrito permite a Jean Allouch (1995, p.170) argumentar que o texto de Schreber não se prestava a uma leitura apressada e imediata, por isso, a importância de tomar esse texto como cifra tal como Freud procedeu. Essa cifração, segundo Allouch, revela a maneira específica do uso da língua na psicose, pela sua “muito particular seriedade, por um regramento daquilo que se produz como fala ou escrito sobre o próprio cristal da língua, em outras palavras, sobre o que, da estrutura da linguagem, só se revela pelo escrito”. (Allouch 1995, p. 170).

Ao ganhar o estatuto de um caso, razão pela qual o reconhecemos como uma das cinco psicanálises, Freud deu um lugar simbólico e histórico para Schreber. Nessa perspectiva, o

¹O presente artigo foi extraído da tese de doutorado intitulada “Quando o corpo pede um nome: *a* título provisório”, defendida por Cláudia Aparecida de Oliveira Leite, em 10/10/2008 no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) /UNICAMP e orientada pela Professora Doutora Nina Virgínia de Araújo Leite. A pesquisa foi parcialmente financiada pela CAPES.

reconhecimento *eternizante*, tão requisitado por Schreber – “eternidade que não tem limites” – foi possível pelos efeitos da circulação do seu nome próprio no campo da Psicanálise. Assim, como fato clínico, trataremos do Caso Schreber, pois a Psicanálise o (re)conheceu porque Freud o decifrou e se ocupou de resgatar a dimensão singular que está implicada no ato da escrita, qual seja, a requisição de um corpo que a suporte, um corpo que se movimente e que sustente as bordas, os buracos, estabelecendo na escrita uma estratégia de enlaçamento do desejo. Freud ocupa um lugar testemunhal ao ler as *Memórias*, e esse lugar de testemunha implanta seus efeitos no corpo da escrita. Esse lugar testemunhal fez ressoar o nome próprio de Schreber para além dos limites do tempo.

Cabe ressaltar que Freud (1969[1911]) inicia sua análise sobre o caso Schreber considerando que a paranoia seria um distúrbio em que um relatório escrito ou uma história clínica impressa poderiam tomar o lugar de um conhecimento pessoal do paciente. Dessa maneira, ao tomar a legitimidade dessa escrita, Freud (1969 [1911]) maneja a verdade da letra de Schreber, mesmo sem nunca tê-lo visto e lembra que “a investigação psicanalítica da paranoia seria completamente impossível se os próprios pacientes não possuíssem a peculiaridade de revelar (de forma distorcida, é verdade) exatamente aquelas coisas que outros neuróticos mantêm escondidas como um segredo” (Freud, 1969[1911], p.23).

Erik Porge (2004), nas Conferências sobre Schreber, realizadas em Pequim, destaca que a incidência da escrita nas psicoses tem um desdobramento singular e afirma, portanto, que a investida freudiana sobre a escrita de Schreber salienta essa peculiaridade já que

“Inicialmente, trata-se de um escrito que é o testemunho direto, de primeira mão, de como as coisas aconteceram. Sobretudo é específico da psicose que *a forma escrita faça parte da estrutura do delírio*. É no escrito que o delírio encontra às vezes uma razão, um endereço, uma explicitação, enfim, os elementos nele contidos são uma tentativa de cura. Não se trata de um escrito sobre o delírio, mas que se confunde com o delírio” (tradução livre; grifos nossos).

Porge (2004) ainda salienta que é por isso que podemos ler *Schreber* ao invés de *Schreiber*², pois a passagem pelo escrito de Schreber não substitui uma análise nem significa que

² ‘Schreiben’ em alemão é escrever. Poderíamos propor aproximativamente, em português, a aglutinação em um neologismo: *Schrever*.

ela poderia se fazer pelo escrito, observação que consideramos profundamente relevante. Entretanto, ressalta Porge, isto quer dizer que esta passagem pode alcançar um nível de verdade comparável àquele que poderia ser obtida pela fala de um sujeito em análise. Na psicose, há uma radicalidade do escrito que toma valor de verdade para o sujeito e, nessa direção, “Schreber de Freud” implica a passagem pelo escrito e a ordenação que este estabelece com o desejo e com o nome próprio.

Consideramos, dessa maneira, que os efeitos irreversíveis que o escrito de Schreber sofreu são consequências da transgressão freudiana. Marilene Carone (1995) demarca esse ponto de vista, ao destacar que o livro *Memórias de Schreber* tornou-se leitura indispensável desde o momento em que Freud se debruçou sobre ele, tomando-o como um *documento científico* relevante aos estudiosos da psicose na perspectiva psicanalítica.

Portanto, ao sustentarmos que Freud nomeia Schreber trazemos um elemento chave ao ato de nomeação: “a transgressão”. Pois, entendemos que toda nomeação estabelece uma ruptura, uma transgressão no exato ponto em que se estabelece como ato. Entretanto, de que nomeação se trata, visto que Daniel Paul Schreber já tinha um nome?

Queremos resgatar a origem etimológica de *transgredir*, do latim, *transgredere*, que, antes de apresentar o sentido de violar uma lei, tem a acepção de ‘passar além, passar do outro lado, atravessar’. Freud viola a *lei nosológica* de seu tempo, mas a transgressão que ele opera tem o sentido de *passo além da linha*. Freud leu Schreber de forma original, destacando um lugar de sujeito para ele, dando um passo além uma significação fixada sobre a psicose.

II – Schreber: entre escrita e leitura

O passo freudiano deslizou sobre o terreno da escrita de Schreber. Quando lançamos esse destaque sobre a escrita, estamos, na verdade, interessados na escrita que tem estatuto de escritura. Tal diferenciação é tributária de todo um movimento de pensamento que destacou do ato da escrita a dimensão de um endereçamento, implicado em uma requisição de leitura e, nessa visada, a escrita torna-se escritura³.

Vemos com Schreber que a escrita é severamente importante em sua vivência. Outros também afirmarão, na clínica ou no meio social, a incidência da escrita contemplando

³ Referência a Barthes (1987), Foucault (1986), Derrida (1971).

uma saída subjetiva possível diante das vivências delirantes e do enigma da psicose. A constatação que emerge é que a escrita na psicose é um fato clínico, uma vez que a psicose delinea o movimento de um certo traçado que se utiliza da “nuvem da linguagem que faz a escrita” (Allouch, 1995, p. 163).

Nessa formulação, podemos retomar o que Viltard (1993) nos assegura quando diz que Freud opera um passo além daquele indicado pela leitura psiquiátrica que buscava uma intenção na fala do doente. Esse passo é dado, segundo ela, quando Freud sustenta a estrutura do delírio no tratamento gramatical da negação. “*Esse pas de côté*, esta tirada, fará Lacan dizer, apresentando Schreber, que Freud introduzia assim ‘o sujeito como tal’, isso quer dizer não avaliar o louco em termos de déficit e de dissociação das funções” (Viltard, 1993, p.75).

Nessa perspectiva, podemos ler a escrita de Schreber advertidos pela operação realizada por Freud. A escrita na psicose se estabelece como uma tentativa de endereçamento e de encontro com o outro, como via de um atestado em que o outro pode dizer da pertinência de um corpo que transforma, das vozes que *retornam* irrompendo sobre o corpo que não mantém o próprio suporte e o próprio limite. Esse movimento que a escrita na psicose convoca é um ponto paradoxal e, como nos indica Pommier (2002, p. 134), é o que há de difícil de entender na clínica da psicose, pois se por um lado há esse empuxo à escrita, por outro, a escrita representa um perigo. Paradoxo facilmente destacado em Schreber (1995 [1903], p.158) quando ele relata que mesmo que isso seja de pouco interesse para os leitores, para ele, no entanto, é valioso reter na memória e escrever as definições e conservar vivas as recordações terríficas e pavorosas, que para ele ficavam associadas a essas recordações.

Schreber nos indica essa *inclusão – exclusiva* do outro, que toma gesto na escrita e que suporta um endereçamento. Quer dizer, o sentido visível de uma anotação escrita se estabelece pela presença do outro, mesmo carregando essa contradição – possibilidade e impossibilidade de dar lugar a esse outro:

“Ao querer dar ainda neste capítulo outros pormenores relativos à época que há pouco chamei do meu período sagrado, estou bem ciente das dificuldades que se me antepõem. As dificuldades são de natureza em parte interna e em parte externa. De um lado, numa tentativa como esta *remeto-me exclusivamente a minha memória, uma vez que naquele período eu não estava em condições de fazer anotações por escrito, já que na época – deixando de lado por*

enquanto a questão de saber se com ou sem razão – eu acreditava que a humanidade inteira tinha desaparecido, não havendo, portanto, nenhum sentido visível em fazer anotações escritas”.
(Schreber, 1995 [1903] p. 74, grifos nossos)

Este depoimento de Schreber é profundamente relevante, já que retoma a argumentação que estamos construindo em torno do endereçamento do escrito como possibilidade de circular no lugar de sujeito. Quando Schreber supunha que a humanidade inteira havia desaparecido, não havia sentido para a escrita. Paradoxalmente, se a suposição de um outro que leia é um elemento extremamente importante no campo das psicoses, a solidão é o que permite a inscrição de um traço.

Nos atravessamentos na relação com o outro (a – a), temos que considerar a perspectiva da relação com o Outro (A). Ao estabelecer esse ordenamento, Lacan (2002) retoma as considerações acerca do esquema L na primeira lição do seminário III – *As psicoses (1955-1956)* para figurar a interrupção da palavra plena entre o sujeito e o Outro, seu desvio pelos dois *eus* (eixo a – a') e suas relações imaginárias. Lacan destaca que na psicose o sujeito fala literalmente com seu eu, mantendo um terceiro que comenta sua atividade. Dessa maneira, ele aponta que “no sujeito psicótico, (...), certos fenômenos elementares, e especialmente a alucinação que é a sua forma mais característica, mostram-nos o sujeito completamente identificado ao seu eu com o qual ele fala, ou o eu totalmente assumido através do modo instrumental” (Lacan, 2002 [1955-56], p. 23).

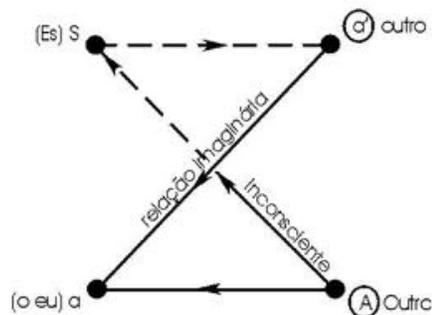


Figura 1: Esquema L

Podemos, nesse momento, retomar uma curiosa argumentação de Lacan (2002, [1955-1956], p.153) que considera que o psicótico é um mártir do inconsciente. Lacan resgata o termo mártir pelo seu sentido que é o de testemunhar. Sendo assim, ele marca a condição de “testemunho aberto” que podemos resgatar na psicose, em que o sujeito parece fixado, imobilizado numa posição que o coloca sem condições de restaurar autenticamente o sentido do que ele testemunha e de partilhá-lo no discurso com os outros, no que concerne a um discurso compartilhado.

“O eu [Je] não é um ser, é um suposto a quem fala. Quem fala só tem a ver com a solidão no que diz respeito à relação que só posso definir dizendo, como fiz, que ela não se pode escrever. Essa solidão, ela, de ruptura de saber, não somente ela se pode escrever, mas ela é mesmo o que se escreve por excelência, pois ela é o que, de uma ruptura do ser, deixa traço”.
(Lacan 1985[1972-73], p. 163)

Essa dimensão testemunhal que Lacan evoca contém um elemento preponderante: o deslocamento do escrito para a escritura pela via de uma requisição de leitura. Consideramos, então, as interrogações que a psicose nos impõe, a abundância dos fenômenos de linguagem que compõem este quadro clínico e, principalmente, os elementos que tocam o corpo e o nome no movimento que Schreber inaugura ao escrever suas memórias.

“Schreber está à espreita pela catástrofe da continuidade, da perda da contiguidade. [...] Schreber indica que aos raios falta material *linguageiro* para transpor a distância que separa o corpo de Schreber dos corpos celestes. [...] A sucessão das letras que Schreber anota não é um soletrar de vozes, mas uma anotação musical, fonética, que Schreber inventa para escutar o esticamento dos sons das palavras, o zumbido contínuo e indistinto que ele escuta”. (Viltard, 1993, p. 76) (tradução livre).

Lacan (2002 [1955-56], p. 140) salienta o valor absoluto da escrita de Schreber por supor uma solidariedade contínua e profunda dos elementos significantes, do início ao fim do delírio. Schreber escreve minuciosamente sobre as transformações (milagres) sofridas em seu corpo, sendo o principal deles: a emasculação. Ele elabora um sentido que justifica tamanho sofrimento e isolamento: ser o escolhido de Deus para procriar uma nova humanidade. O que é

tomado como memória também se situa no corpo, “nos nervos”, e parece assumir diferentes contornos a cada lembrança.

Precisamos realçar ainda que Schreber escreve suas *Memórias* de modo sistemático paralelamente ao seu processo de “apelação” à justiça para recuperar os direitos sobre seus bens. E para isso, ele destaca os aspectos concernentes à memória e ao intelecto na busca de apontar a verdade de sua argumentação. A forma como Schreber trata suas lembranças e relata os conteúdos mnemônicos que o invadem é, às vezes, terrificante, às vezes, reconfortante. Mas, escrever, para ele, era da ordem de uma injunção.

Ao sustentarmos que Freud *nomeou* Schreber *para* a Psicanálise, estamos considerando o valor do escrito (do corpo da escrita) e, de maneira muito específica, estamos ressaltando a importância da publicação desse escrito, que coloca em movimento o nome próprio. Tornar público um escrito é dar ao nome os mais diversos destinos, desde a chance para novas nomeações, até profundos desarranjos subjetivos, como veremos a seguir.

III – “Quem é esse tal doutor Schreber?” – O nome próprio...

Primeiramente, ressaltamos que essa pergunta: “Quem é esse tal Doutor Schreber?” foi o título provocador de uma matéria veiculada na Saxônia quando Schreber concorreu e perdeu às eleições do parlamento (*Reichtag*). Nesse caso, retomar essa questão nos interessa porque articula duas vias: 1^a) Situada pela função do nome próprio; 2^a) Pelo efeito que tal pergunta gerou em seu nomeado: Daniel Paul Schreber.

Delineando a primeira via, demarcamos que, em torno dos estudos sobre o nome próprio, nos diversos terrenos em que esta questão é abordada, o destaque principal é dado à função referente do nome próprio. Essa questão tão complexa teve seu desdobramento nos trabalhos de Gottlob Frege (1978 [1892]) que define a referência como um modo de apresentação de objeto.

“A referência de um nome próprio é o próprio objeto que por seu intermédio designamos; a representação que dele temos é inteiramente subjetiva; entre uma e outra está o sentido que, na verdade, não é tão

subjetivo quanto à representação, mas que também não é o próprio objeto.” (Frege, 1978 [1892], p. 65).

Dessa forma, nas considerações de Frege, o nome próprio designa um objeto singular. Essa articulação em torno do referente permite a ele afirmar que uma sentença sem referência não tem valor de verdade. Essa elaboração é base teórica para muitas correntes da Linguística e da Lógica que formulam suas construções em torno da questão da referência, do valor de verdade, da unicidade de um objeto e da noção de pressuposição.

Tais indagações circulam nas elaborações lacanianas durante a construção do Seminário IX, *A identificação* (1961-1962) e durante o Seminário XII, *Problemas cruciais para a psicanálise* (1964-1965). Na articulação do seminário IX, Lacan formula o caráter distintivo do nome próprio, sendo este o espaço de articulação que o permite consolidar o conceito de *traço unário*. Toda elaboração que Lacan desenvolve neste seminário aponta para a especificidade do nome próprio, já que este é um significante puro que vale por sua função distintiva, é um traço distintivo. Assim, para Lacan (1961-62, inédito), “[...] nomear é, primeiramente, algo que diz respeito a uma leitura do traço Um, designando a diferença absoluta”. Nomear é ler a diferença absoluta impressa em um traço sem significado.

Se nomear é ato que imprime o *initi-Um* subjetivo, é a leitura desse traço Um, que é distintivo, que impõe a diferença absoluta a cada sujeito. Portanto, ao que parece, a jornalista que encaminhou a pergunta “Quem é esse tal Doutor Schreber?” colocava à prova a referência daquele, cujo nome próprio circulava, concorrendo a uma vaga no parlamento. Para ela, o nome de Schreber não indicava seu referente. Esse fato trouxe consequências. O próprio Schreber relata que sua participação nessa eleição foi um elemento de *fadiga* que propiciou o aparecimento do seu primeiro adoecimento:

“Vou falar agora de minhas próprias vicissitudes pessoais durante duas doenças nervosas que me atingiram. Estive doente dos nervos duas vezes, ambas em consequência de uma excessiva fadiga intelectual; a primeira vez por ocasião de uma candidatura ao *Reichtag* (quando eu era diretor do Tribunal de Província em *Chemnitz*), a segunda vez por ocasião da inusitada sobrecarga de trabalho que enfrentei quando assumi o cargo de presidente da Corte de Apelação de Dresden, que me havia sido então recentemente transmitido”. (Schreber 1995[1903], p. 53).

Carone (1995, p. 12) infere que “para quem fora criado no culto orgulhoso dos méritos dos antepassados e fora testemunha da celebridade do pai, esse artigo trazia impressa, como um insulto, a face pública do seu anonimato”. O anônimo, sem nome, padece da falta de um traço que o distingue, que o faz contado. Schreber traz para o corpo as consequências de não ser reconhecido em seu nome.

Já estamos, portanto, desdobrando a segunda via da questão, qual seja, o efeito que a pergunta gerou em Schreber. Estamos em concordância com Carone que destaca o anonimato como um elemento complicador passível de capturar um descendente da família Schreber, “fadado” à posteridade. Nesse aspecto, é curioso como a questão da nomeação (ser nomeado e dar um nome), o reconhecimento do nome e a herança do nome se presentificam nos relatos de Schreber. Esse detalhe não passou despercebido por Lacan (1998 [1955]) ao criticar a forma como W. Niederland⁴ retoma a linhagem de Schreber, focando unicamente na transmissão genealógica e não reconhecendo a instância do Nome-do-Pai (*idem*, p. 587).

Estar fadado à posteridade é uma tarefa implantada na descendência Schreber há várias gerações. Sabemos que Daniel Paul Schreber (1842–1911) era descendente de uma família de burgueses protestantes alemães cultural e intelectualmente influentes já no século XVIII.

“Os homens da família Schreber se tornariam célebres cada um em sua disciplina graças às obras tendo por vocação a correção moral da população ao nome de Deus. Seu bisavô, Daniel Gottfried Schreber, economista de formação, trabalhou para promover uma economia justa, sã e rigorosa para purificar a sociedade do mal e receber a benção divina. Ele é também aquele que formula a missão da linhagem Schreber: ‘Nós trabalhamos para a posteridade’”. (Mathelin, Conferência em Pequim, 2004, tradução livre).

Essa implantação moral, que vinha como a possibilidade de ‘endireitar’ a terra, também pode ser lida na obra de seu pai, Daniel Gottlieb Moritz Schreber (1808–1861). Ele era figura reconhecida no meio médico e educacional pelos livros sobre ginástica, higiene e educação das crianças. Moritz impunha aos filhos os experimentos e as técnicas educacionais criadas por ele para elevar o sentimento moral, a boa conduta e a decência dos filhos. Vivência que, na

⁴ Lacan se refere a W.G. Niederland que escreveu “Three Notes on the Schreber Case” em 1951.

opinião de Lacan, possui profunda relevância para pensarmos a constituição subjetiva de Schreber. Lacan, diante dos méritos do pai, Moritz Schreber, o descreve da seguinte maneira:

“Pois, reportando-nos à obra de Daniel Gottlob Moritz Schreber, fundador de um instituto de ortopedia da Universidade de Leipzig ; educador, ou melhor, para articulá-lo em inglês, “educacionalista” ; reformador social “com uma vocação apostólica de levar às massas a saúde, a felicidade e a bem aventurança” através da cultura física; iniciador das pequenas hortas destinadas a manter no empregado um idealismo hortigranjeiro, as quais ainda conservam na Alemanha o nome de *Schrebergärten*; sem falar das quarenta edições da *Ginástica médica de salão*, cujos homenzinhos “feitos às pressas” que a ilustram são quase que evocados por Schreber [...]” (Lacan 1998 [1955], p. 588).

Como podemos constatar, o pai de Schreber “sabia demais”, por isso mesmo, não faltaram seguidores que acolhiam e repetiam sua doutrina moral de saúde e educação. Conforme já demarcamos, Moritz Schreber mantinha rígidos direcionamentos morais e educacionais tanto na transmissão de seus pressupostos de saúde e educação, quanto na condução da família. A transmissão do nome desse “pai que sabia demais” toma um lugar específico na constituição do delírio de Schreber.

“Alguns anos depois da morte de Moritz Schreber, os pedagogos inspirados pelos métodos e pelos livros de Moritz criaram as primeiras associações que portavam o nome de Schreber. A palavra *Schreberplatz* designa assim as áreas de jogos e de ginásticas criadas nas escolas segundo o modelo proposto por Moritz Schreber. Depois, outra associação, com objetivos educativos, surge sob o nome de *Schreberverein* que se mune igualmente de área de jogos e jardins. (...) Pouco a pouco, os pequenos jardins tomaram o nome de *Schrebergärten*. Assim, o nome Schreber entra na linguagem corrente e os *Schreberverein* se multiplicaram a tal ponto que quando morreu a mulher de Moritz em 1907, querelas explodiram entre elas. As associações disputavam a legitimidade de sua referência ao nome Schreber para receber a herança de sua viúva. Esta querendo, com efeito, que essas associações portassem o renome de Moritz Schreber confia a seu filho, Daniel Paul o cuidado desta partilha”. (Mathelin, Conferência em Pequim, 2004, tradução livre).

O que fazer com o nome desse pai, Moritz Schreber, quando tantos reivindicam sua herança? Como estabelecer a diferença entre o *nome de um pai* e o Nome-do-Pai? Ao destacar o significante Nome-do-Pai – como aquele que *antecipa, ordena e perpetua* a existência de alguém – devemos ressaltar o que dele é diferente do “pai de carne e osso”, dito biológico, do nome do pai juridicamente estabelecido. Mas, vale colocar em relevo que,

“Por sua vez, o significante, o elemento da linguagem que Lacan denomina Nome-do-Pai é “não o pai natural”, mas a intervenção “do que se chama o pai”, ou seja, a imposição simbólica do Nome que articula uma linhagem familiar, uma série de gerações, uma narrativa, uma história – trata-se do Nome que antecipa, ordena e perpetua a existência de alguém. Sujeito à forclusão de um tal elemento organizador, prescrito como falante, desse direito ao Nome-do-Pai, o que responde, para o psicótico, no campo da linguagem, no lugar onde se esperava tal ordenamento simbólico, é ‘um puro e simples furo’.” (Laia, 2001, p. 25).

A reivindicação de tantas associações para serem reconhecidas pelo nome de Moritz Schreber demarca, portanto, em Daniel Paul Schreber um esforço para responder a um apelo. No relato do próprio Schreber, interrogamos a emergência das suas crises atreladas aos momentos em que ele tem que se servir do seu nome próprio, no que o nome próprio é resto inassimilável do ato implantado pelo Nome-do-Pai. Ou seja, o apelo ao Nome-do-Pai, já que é nesse ato que se é nomeado, deixa o nome próprio como resto.

Quanto a esse ponto, Lacan nos diz que:

“Para que a psicose se desencadeie, é preciso que o Nome-do-Pai, *verworfen*, foracluído, isto é jamais advindo no lugar do Outro, seja ali invocado em oposição simbólica ao sujeito. É a falta do Nome-do-Pai nesse lugar que, pelo furo que abre no significado, dá início à cascata de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que significante e significado se estabilizam na metáfora delirante”. (Lacan, 1998 [1955-56], p. 584)

Lacan salienta que “é num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, na foraclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose” (Lacan, 1998 [1958], p. 582). Fica estabelecido no delírio a tentativa de recobrir a falta, manejo que pode ser entendido como um apelo ao Nome-do-Pai.

Antes de seguir por esse caminho, porém, lembraremos que Schreber tinha um irmão, Daniel Gustav Schreber, que em 1877 se suicida⁵. Com a morte do irmão, Daniel Paul Schreber se torna o único homem da família que poderia assegurar uma descendência ao nome Schreber. Essa não é uma tarefa qualquer, já que, na morte do irmão, Schreber fica como resto, como aquele que restou para cumprir a promessa de prosperidade juramentada pelo bisavô. Nesse

⁵ Na ocasião Daniel Gustav tinha 38 anos e havia sido *nomeado* para o cargo de Conselheiro do Tribunal.

momento, Schreber tem que sustentar seu nome próprio e implantar no real da carne a promessa de herdeiros para esse nome. Carone (1995) narra o episódio em que Schreber é convocado a assumir esse lugar de resto e o efeito avassalador que o consumiu.

“Por ser o único filho homem sobrevivente, jurista e responsável pelo inventário da mãe, Daniel Paul é solicitado a opinar e conferir legitimidade aos pretensos herdeiros do legado paterno. Não se sabe como ele enfrentou a questão, mas fica a possibilidade de ser esse episódio o verdadeiro desencadeante da sua última crise mental. O fato é que Schreber é hospitalizado pela terceira vez, num estado psíquico desde o início considerado gravíssimo”. (Carone, 1995, p. 22).

Schreber não consegue concretizar a herança de seu nome, mesmo se casando com Ottilin Sabine Behr⁶. Ela era uma jovem de 20 anos que ao se casar com Schreber vivencia com o mesmo a dificuldade de gerar filhos. Essa dificuldade de procriar era vivida com intensa angústia por Schreber que assume o seguinte relato nas *Memórias*:

“Depois da cura de minha primeira doença, vivi oito anos, no geral, bem felizes, ricos também de honrarias exteriores e apenas passageiramente turvados pelas numerosas frustrações da esperança de ter filhos”. (Schreber 1995 [1903], p. 54).

Enquanto a transmissão de seu nome para um filho não era realizada, a ascensão profissional se consolidava de forma promissora e veloz. Schreber nos oferece, mediante uma autodescrição nas *Memórias*, mostras de sua primorosa formação cultural e intelectual. Além do domínio de vários idiomas, ele indica boas relações com o campo da literatura, artes, música e, pela evolução de sua carreira, grande conhecimento jurídico. Essa ampla inserção cultural chamou a atenção de Freud, pois, Schreber se apresentava como alguém com sólida formação intelectual e, inclusive, mantendo um extremo ceticismo religioso.

Entretanto, como já articulamos, a ascensão na carreira de jurista era algo perturbador para Schreber no ponto em que ela se mescla com a história de sua doença. Como já foi destacado anteriormente, em 1884, quando Schreber se tornou vice-presidente do Tribunal Regional de Chemnitz, ele concorreu e foi derrotado nas eleições do parlamento (*Reichtag*). Daí

⁶ Eles se casam em 1878.

sucedeu sua primeira internação (8-12-1884) na clínica para doenças nervosas da Universidade de Leipzig, coordenada professor Paul Emil Flechsig.

“Nas Memórias é breve a referência a este episódio. Schreber menciona uma crise de hipocondria com ideias de emagrecimento, “sem qualquer incidente relativo ao sobrenatural”. Hoje sabemos que o quadro era mais grave, com manifestações delirantes não-sistematizadas e duas tentativas de suicídio [...] Era sua primeira internação, mas não a primeira crise hipocondríaca: há referências vagas a um episódio de hipocondria em 1878, por ocasião do casamento. Em 1884, a Sra. Schreber já sofrera dois abortos espontâneos [...]”. (Carone, 1995, pp. 12-13).

A hipótese que estamos sustentando neste trabalho é que a primeira crise sobreveio quando Schreber é convocado a fazer uso de seu nome próprio, naquilo que o nome próprio reverbera o Nome-do-Pai. Após um período de estabilização, outro acontecimento referente a sua carreira de jurista merece destaque pelos desdobramentos que ocorrem. Em junho de 1893, Schreber recebeu uma convocação/nomeação para o cargo de *Senatspräsident* (juiz-presidente da Corte de Apelação) na cidade de Dresden. Essa nomeação possuía um caráter irreversível – era expedida por determinação direta do rei e não cabia nem solicitação, nem recusa. Esse elemento é profundamente relevante: é uma nomeação que tem o caráter de uma imposição e a dimensão de um ato – que não permite retorno (retroação). A recusa a essa nomeação caracteriza crime de *lesa majestade*.

Merece destacarmos que na primeira crise, primeira internação, a emergência de seu mal-estar estava vinculado ao fato de que o outro não reconheceu seu nome, escancarando seu anonimato – os furos que não permitem seu enodamento entre carne – corpo – nome próprio. O outro não o nomeou, não o convocou e estampou seu anonimato de forma insuportável. Na segunda crise, o Outro (Rei-Estado) o nomeou de maneira irreversível e a essa nomeação ele deveria estar à altura de atender, condição, também, insuportável. Estamos, com isso, diante de uma nomeação para um cargo específico, uma nomeação que dá um lugar a Schreber, já que ele é *nomeado para* Presidente da Corte de Apelação de Dresden. Assumindo o cargo eterno – vitalício, Schreber recai novamente em um estado de profunda angústia que foi se agravando, levando-o a internação e à escrita das *Memórias*. Conforme nos lembra Porge (2004), “As

Memórias não são somente um testemunho, mas uma “produção” original terminal da psicose que dá uma solução elegante a um problema de significação”.

O buraco na trama schreberiana se abre frente à demanda de seu nome. Daquele nome herdado do qual ele tem a missão de tornar eterno. Diante dessa ruptura da trama, o sentido ganha um espaço devastador e o delírio se modela sobre a possibilidade de uma transmissão eternizante, em que “o significante pulula como que ocupando o lugar de nome próprio” (Allouch 1995, p.196). Como destacamos, sustentamos que a construção de sentido impresso no delírio é tentativa de fazer nó, isto é, fazer um laço possível entre nome e corpo.

Quando tomamos o trabalho de Freud sobre Schreber como um *initi-um* absoluto e destacamos o caráter de decifração nele contido, ficamos muito próximos das vertentes inauguradas por um nome próprio. O nome próprio, participante efetivo de um começo subjetivo, põe-se a circular na língua implorando pelas decifrações de seus enigmas. Alguns desses enigmas circulam enredados nas tramas da escrita e do corpo. No caso de Schreber, encontramos os nomes próprios enredados na trama delirante. Pela nomeação freudiana, Schreber tem seu escrito estabelecido e seu nome próprio autenticado.

Estamos em concordância com Allouch (1995) que concebe, dessa forma, a existência de um laço entre este pulular de significantes e essa operação local da forclusão que incide sobre um nome. Podemos situar, desse modo, a escrita de Schreber como um território privilegiado em que brotam as questões sobre o nome próprio. Temos, com Schreber, a condição de destacar que o retorno incessante dos nomes próprios na sua escrita e nas suas crises obedece a essa tentativa de cerzidura. Como ele nos apresenta nas *Memórias*, os nomes próprios se estabelecem no delírio, nas vozes dos pássaros falantes, pelos detritos fônicos, pela poeira da linguagem formulada como homonímia radical, ou seja, como *lalíngua*. É por isso que há na dobradura do delírio algo que é da ordem de um escrito. Escrita da qual Schreber se serve para autenticar sua vivência, seu nome e para se instaurar na saga de uma “eternidade sem limites”.

Referências

- ALLOUCH, J. *Letra a letra: traduzir, transcrever, transliterar*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.
- CARONE, M. Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura in SCHREBER, D. P. *Memórias de um doente dos nervos*; tradução e organização Marilene Carone. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1995.
- COSTA, A. *Corpo e Escrita: relações entre memória e transmissão da experiência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- _____. Algumas reflexões sobre a inscrição da letra in *Corpolinguagem: gestos e afetos* / Nina Virgínia de Araújo Leite (org.) – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- Erik Porge: Les mémoires de Daniel Paul Schreber in *Conférences sur Schreber à Pekin*, décembre, 2004.
http://www.psychanalyse-en-chine.net/index.php?option=com_content&task=view&id=38&Itemid=46
(acesso em 08/08/08)
- FREGE, G. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix; Editora da USP, 1978.
- FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (1911) in *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 3– As psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.
- _____. *O Seminário 9 – A identificação (1961-1962)*. (inédito).
- _____. *O Seminário 12 – Problemas cruciais para a psicanálise (1964-1965)*. (inédito).
- _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- LEITE, C. A. O. *Quando o corpo pede um nome: a título provisório*. Campinas: Tese de Doutorado. IEL/ UNICAMP, 2008.

PORGE, E. *Os nomes do pai em Jacques Lacan: problemáticas e pontuações*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

SCHREBER, D. P. *Memórias de um doente dos nervos*; tradução e organização Marilene Carone. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1995.

Séverine Mathelin : Biographie de Schreber in Conférences sur Schreber à Pékin, décembre, 2004: http://www.psychanalyse-en-chine.net/index.php?option=com_content&task=view&id=34&Itemid=46
(acesso em 08/08/08)

VILTARD , M. “Scilicet” in *Revista Littoral* . Paris: ELP, 1993. Número:15, p.75.

THE ETERNITY HAS NO LIMIT: Schreber, the writing and the name

ABSTRACT

In this paper we assume that Freud takes a testimonial role reading *Memoirs of My Nervous Illness* by Daniel Paul Schreber. Freud, from the point of view of his reading, named Schreber to the Psychoanalysis by deciphering Schreber's writing. Therefore, we emphasize the singularity of Schreber's writing, his addressing and its effects on the name and on the body. We also demarcate that to become a writing public is to give to the name a wide range of destinations. In this sense, we consider the moments of Schreber's crisis coincided with those moments when he was called to make the use of his own name, in the intimacy established by the own name with the Name-of-the-Father.

KEY-WORDS: Schreber. Psychoanalysis. Writing. Psychosis. Own name. Name of the Father.

L'ÉTERNITÉ N'A PAS DE LIMITES: Schreber, l'écriture et le nom

RÉSUMÉ

Dans cet article nous supposons Freud occupe la place du témoignage à lire *Mémoires d'un névropathe*, du Daniel Paul Schreber. Freud, dans sa lecture, a nommé Schreber pour la psychanalyse en déchiffrant l'écriture de Schreber. Nous soulignons, cependant, la singularité de l'écriture de Schreber, son adressement et ses effets sur le nom et sur le corps. Nous mettons en relief, encore, que quand un écrit est publié, on donne au nom des destinations les plus diverses. Ainsi, nous mettons en évidence que les moments de crise de Schreber coïncident avec les moments où il a été appelé à faire l'usage de son nom propre, dans l'intimité qui le nom établit avec le Nom-du-Père.

MOTS-CLÉ: Schreber. Psychanalyse. Écriture. Psychose. Nom propre. Nom-du-Père.

Recebido: 30/04/2014

Aprovado: 14/07/2014

©2014 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista